

EPISÓDIOS DE PROPOSTAS DE ESCRITA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS: MECANISMOS DE CONTROLE¹

Janima Bernardes (UFRN/PPgEL/GETED²)
janimabernardesribeiro@hotmail.com

Sulemi Fabiano Campos (UFRN/PPgEL/GETED/GEPPEP)³
sulemifabianocampos@yahoo.com.br

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar as constantes discussões suscitadas na área de ensino e aprendizagem de língua materna, especificamente sobre o fracasso escolar no que se refere à produção de textos. Essa motivação se deu porque, apesar do aluno passar grande parte de sua vida na escola, o desempenho da grande maioria nas provas do ENEM, Vestibular, Exame Brasil, entre outros, ainda apresenta dados insatisfatórios quanto ao domínio da língua escrita.

O *corpus* geral desta investigação é composto por 53 LDP. Dada a metodologia qualitativa de análise, elegemos para apresentar neste capítulo a análise de dois LDP. A nosso ver, essa seleção representa como as propostas de escrita e as orientações dadas aos professores, nesses livros, estabelecem o controle de escrita por meio dos exercícios de escrita propostos.

Deste modo, pretendemos investigar como se estabelece o mecanismo de controle⁴ na proposta de produção textual do Livro Didático de Português (LDP) do Ensino Fundamental (EF). Tomamos como objeto de análise o Livro *Língua Portuguesa: Leitura do Mundo*, de DISCINI, N; TEIXEIRA, L. 7ª série (1999), Livro

¹Este texto traz reflexões que vêm sendo desenvolvidas em trabalho de pesquisa de mestrado sob orientação da Profª. Drª. Sulemi Fabiano Campos, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós- Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL).

²Aluna participante do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e Discurso (GETED) – UFRN, tutora EaD, UFRN.

³ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Linha Linguística e Descrição. Líder do GETED. Integrante do Grupo de Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP), USP.

⁴ Denominamos mecanismo de controle uma proposta de produção de texto que apresenta um roteiro com instruções para o aluno seguir; e no manual do professor apresenta sugestões/informações ao professor ao lado da proposta de escrita, para nortear sua prática.

do professor. Editora do Brasil, e o livro *Português: Linguagem*, de Willian Cereja & Thereza Cochar Magalhães do EF, 5ª série, (2002), 4ª ed. São Paulo: Atual.

Com o intuito de facilitar a leitura deste trabalho, os livros foram nomeados da seguinte forma: LDP A, e LDP B. É preciso ressaltar que os episódios de propostas de escrita selecionados para análise são de textos narrativos.

Este texto está dividido em duas partes. Na primeira, teceremos considerações a respeito de como se estabelece o controle da escrita no LDP e, na segunda, discutiremos como os dispositivos de controle como o PCN e o LDP norteiam o dizer e o fazer do professor em sala de aula por meio do discurso da ideologia dominante.

Para apresentar como as propostas de escrita dos LDP estabelecem esses mecanismos de controle, tomamos como linha mestra o trabalho de Althusser (1985), especificamente os pressupostos que conferem especificidade à sua concepção das relações entre ideologia e instituições em que se busca assegurar, por meio do ensino, uma submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua prática.

Segundo esse autor, a escola é parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) que busca assegurar, por meio do ensino, um controle através de sua prática e ideologia. A ideologia é um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem e de um grupo social. É na escola que o sujeito permanece grande parte de sua vida e é onde ocorre a maior dominação ideológica para construir bons cidadãos. Desde as séries iniciais até a universidade, as crianças passam obrigatoriamente quatro horas por dia no ambiente escolar, de segunda a sexta-feira, aprendendo os valores sociais. Ainda aprendem a ler, a escrever e a contar, ou seja, algumas técnicas.

É relevante mencionarmos que alguns dispositivos sociais ligados aos AIE atualmente são: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Livro Didático de Português (LDP).

Dispositivos de controle no ambiente escolar (PCN e LDP)

a) Mecanismos de controle da escrita segundo o PCN

O primeiro dispositivo de controle refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento oficial que apresenta diretrizes para o trabalho com a produção de textos escritos em sala de aula. Quanto ao trabalho diretamente ligado à produção de textos, os objetivos especificados no PCN referente ao EF para formar

alunos escritores são claros. Entre eles, a proposta contempla que “ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer.” (BRASIL, 2001, p. 75).

Essa tese também foi defendida por Geraldi (1997), ao afirmar que para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer; d) se constitua como locutor que se compromete com o que diz; e) e se escolham as estratégias.


O documento oficial (BRASIL, 2001, p. 58) propõe que a prática de produção de textos escritos sugeridos deve considerar suas condições de produção: “finalidade; especificidade do gênero; lugares preferenciais de circulação; interlocutor eleito”; utilização de procedimentos diferenciados para a elaboração do texto: “estabelecimento do tema; levantamento de ideias e dados; planejamento; rascunho; revisão e versão final”.

Os LDP de alguma forma buscam atender os objetivos do documento oficial para o trabalho com o texto, sendo que a proposta de produção escrita articula apenas o plano do conteúdo (o que dizer), de modo que o plano da expressão (como dizer) ainda não foi suficientemente apresentado para formar um aluno produtor eficiente de texto que se responsabiliza pelo escrito, conforme sugerido pelo PCN.

b) Mecanismos de controle da escrita segundo o LDP

No LDP A em análise, encontramos mecanismos de controle nas propostas de produção escrita para ensinar o aluno a escrever. Destacamos o mecanismo que controla o fazer do aluno ao apresentar roteiro com instruções para seguir e também a tentativa de controle da prática do professor, que geralmente aparece no Manual do Professor, por meio de sugestões em letras pequenas. A atividade selecionada para análise apresenta um roteiro de instrução para sua realização:

Figura 1 – Reprodução da página do LDP A



1ª opção: Faça uma história de terror e suspense, com diálogos e um final inesperado. Pense antes de escrever: quais serão os personagens? O que vai acontecer de aterrorizante? Vai aparecer um monstro? Um vampiro? O drácula? O bicho-papão?

Redija seu texto em três partes. Use o tempo passado.

Na primeira parte, apresente o cenário, o lugar onde se passou a cena e os personagens que viviam ali. Crie uma atmosfera de suspense, indique que alguma coisa assustadora vai acontecer.

Na 2ª parte, faça um diálogo entre os personagens. Use interjeições, expressões indicadoras de medo, de susto. Você é o narrador, anuncie os diálogos, mostre as reações dos personagens. Esta é a parte em que tudo aconteceu.

Na 3ª parte, dê um desfecho. Como tudo terminou? Se quiser, crie um final inesperado, fazendo humor. Se preferir, mantenha o clima de terror e crie um final terrível, assustador.

Depois de escrever, releia, verifique a pontuação, veja se usou travessões nos diálogos, exclamações, pontos, reticências. Verifique se tudo no texto está combinando, se as idéias estão bem encadeadas. Pense assim: quem ler vai entender o que eu quis contar? Pense num leitor jovem, que goste de histórias de terror.

Depois de fazer os acertos, dê um título e passe a limpo.

Fonte: DISCINI, N; TEIXEIRA, L. **Língua Portuguesa: Leitura do Mundo**. 7ª série. Livro do professor. Editora do Brasil. 1999. (P. 57).

O episódio de proposta de escrita contemplada no LDP A na seção *Hora de escrever* vem antecedida por três textos que abordam o tema: *suspense, terror e humor*, e trata-se de textos do tipo narrativo que foram apresentados ao aluno como apoio para o exercício de redação ao levar o aluno a observar as várias formas de expressão de uma narrativa e compreender as características específicas do gênero.

O LDP A apresenta mecanismos de controle a partir de sugestões de “roteiro de instrução” para a composição da história narrativa do aluno quando as autoras recomendam: *faça uma história de terror e suspense, com diálogos e um final inesperado. Pense antes de escrever: quais serão os personagens? O que vai acontecer de aterrorizante? Vai aparecer um monstro? Um vampiro? O Drácula? O bicho-papão?* Há todo um encaminhamento para conduzir a escrita do aluno.

Logo em seguida, o comando da atividade indica que o aluno *redija seu texto em três partes*. Sendo que em cada parte o próprio exercício fornece ao aluno informações/idéias a serem desenvolvidas no exercício através de mecanismos de controle. Na primeira parte, sugerem ao aluno que: *apresente o cenário, o lugar onde se passou a cena e os personagens que viviam ali. Crie uma atmosfera de suspense, indique que alguma coisa assustadora vai acontecer*. Na segunda parte, *faça um*

diálogo entre os personagens. Use interjeições, expressões indicadoras de medo, de susto. Você é o narrador, anuncie os diálogos, mostre as reações dos personagens. Esta é a parte em que tudo aconteceu. Já na terceira, dê um desfecho. Como tudo terminou? Se quiser, crie um final inesperado, fazendo humor. Se preferir, mantenha o clima de terror e crie um final terrível e assustador.

O controle da escrita permanece na proposta do LDP A no momento que as autoras sugerem que, depois de escrever, o aluno *releia, verifique a pontuação, veja se usou travessões nos diálogos, exclamações, pontos e reticências. Verifique se tudo no texto está combinando, se as ideias estão bem encadeadas. Pense assim: quem ler vai entender o que eu quis contar? Pense num leitor jovem, que goste de histórias de terror.*

Também é possível verificar nesta proposta de produção textual a imposição das autoras a partir da presença excessiva de verbos no modo imperativo: *redija, use, apresente, crie, faça, anuncie, mostre, dê, releia, verifique, pense, passe.* Acreditamos que apresentar uma sequência com sugestões do que deverá ser desenvolvido em cada parte do texto impede/limita o aluno para que construa sua história sem ter que ficar preso a um roteiro que contém sugestões a serem desenvolvidas como demonstrado nessa análise, em que denominamos mecanismo de controle.

E, por fim, após o aluno escrever no papel todo o “roteiro de instrução” solicitado na proposta de produção textual escrita do LDP A para a composição da narrativa, o aluno-escritor irá se auto avaliar, etapa que requer revisão e refacção. A refacção na produção de texto, segundo o documento oficial (2001, p. 77) “permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente”, prática que contempla a concepção atual de linguagem no processo de ensino e aprendizagem que nesse momento o aluno toma uma posição de leitor e crítico de seu próprio texto.

Para que o processo de escrita ocorra, é necessário definir o interlocutor e a circulação do texto. Assim, o aluno, ao escrever, terá em mente seu interlocutor, seja ele real ou fictício, e onde seu texto irá circular, as motivações para a realização do trabalho de escrita. A proposta apresenta o interlocutor para o texto quando sugere ao aluno que *pense num leitor jovem, que goste de histórias de terror*, uma vez tendo seu interlocutor eleito irá escolher as estratégias e o estilo da escrita para que ocorra a interação com esse outro (possível leitor).

A proposta em análise apresenta “roteiro de instrução” para o aluno seguir, não torna um *escritor capaz de adequar-se às diferentes situações de interlocução e de produção de texto*.

Por mais que a proposta de escrita busca trabalhar a linguagem na concepção atual, na perspectiva textual, que considera gêneros variados, contextualizados, e a escrita em etapas: planejamento, elaboração, auto avaliação, revisão e refacção, o exercício escrito do LDP A está ancorado em uma perspectiva tradicional que por apresentar modelo canônico de texto e “roteiro de instrução” subdivididos em três partes, e em cada uma, apresentam sugestões para nortear a escrita do aluno no contexto escolar.

O que se tem, então é uma tentativa de adotar uma nova roupagem nos exercícios que foram produzidos na concepção tradicional, porque os autores não conseguem propor, a partir deles, atividades de produção escrita mais efetiva em situações concretas de interação comunicativa. Seleccionamos outro exemplo de atividade para análise que apresenta um roteiro de instrução para sua realização:

Figura 2 – Reprodução da página do LDP B

Produção de texto

■ O CONTO MARAVILHOSO — DO ORAL AO ESCRITO E VICE-VERSA

Os contos maravilhosos eram, originalmente, contos populares, transmitidos oralmente de uma geração a outra. Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, os escritores Charles Perrault e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, por exemplo, dedicaram anos de sua vida recolhendo histórias contadas pelas pessoas comuns e registrando-as em livros. Graças a eles, os contos maravilhosos são hoje mundialmente conhecidos.

Agora você vai fazer o inverso: primeiramente vai recriar, por escrito, um conto maravilhoso, de acordo com as orientações a seguir, ou inventar um conto, se quiser. Em seguida, vai transmitir seu conto oralmente para seu professor e colegas, lendo-o ou contando-o.

Depois dessa atividade oral, seu conto será “publicado” no livrinho de contos do seu grupo, que fará parte da mostra **Histórias de hoje e sempre**, proposta no capítulo **Intervalo**, e será lido por colegas de sua classe e de outras, seus pais e demais convidados. Vamos lá?

a) Em cada lista de palavras a seguir, todas, com exceção de uma, sugerem uma história conhecida. A palavra representa um novo elemento, que quebra, de propósito, a sequência. Veja:

- menina — bosque — lobo — avó — helicóptero
- Cinderela — madrasta — príncipe — sapatinho de cristal — chulé
- Bela Adormecida — príncipe encantado — conjunto de *rock* — bruxa boa
- João e Maria — uma casinha de doces — a bruxa — o forno — um pernil assado
- Pinóquio — os ladrões — um extraterrestre — a baleia — Gepeto
- Aladim — gênio — princesa — lâmpada maravilhosa — Ali Babá e os quarenta ladrões
- Branca de Neve — príncipe — sete anões — madrasta — baile



b) Escolha uma lista e reinvente a história, incluindo nos acontecimentos o elemento novo correspondente à palavra que destoa das outras. Escolha quem será o herói e fará o papel de vilão.

Comece seu conto fazendo o herói ser vítima de uma armadilha planejada pelo vilão, ou o contrário. Se quiser, dê ao herói (ou ao vilão) poderes mágicos. Procure criar um final inesperado, se possível, engraçado.

c) Planeje como vai escrever seu conto maravilhoso: inicie-o pela expressão **Era uma vez** ou outra que conduza a um tempo passado impreciso. O narrador deve ser do tipo observador. Lembre-se de dizer como são o herói, o vilão e o lugar em que ocorrem os fatos. Empregue a variedade padrão da língua. Dê um título sugestivo a seu conto.

d) Faça um rascunho primeiro e só passe seu conto a limpo no livrinho depois de fazer uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações do box **Avalie seu conto maravilhoso** (p. 88). Refaça o texto quantas vezes for necessário.

e) Seguindo as orientações de seu professor, leia ou conte seu conto maravilhoso para toda a turma.

Professor: Sugerimos organizar a atividade oral fora da sala de aula, na biblioteca, no pátio da escola, ou no jardim ou praça. Coloque os alunos em círculo, sentados no chão, por exemplo, e o “contador” ou “leitor” à frente do grupo, formando uma espécie de “roda do conto”. Se possível, amplie a atividade, convidando outras classes para a escrita.

Fonte: WILLIAN, R. C.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**, 5ª série. 4ª ed. São Paulo: Atual, 2002, p. 104).

O LDP B, através de um mecanismo de controle, propõe a escrita a partir do roteiro apresentado, de modo que primeiramente o aluno irá recriar por escrito um conto maravilhoso de acordo com as orientações ou inventar um conto, se preferir.

A atividade apresenta instruções para manter o controle do trabalho de escrita. Em a) oferece uma lista de palavras, com exceção de uma, que sugere uma história conhecida. A palavra representa um novo elemento, que quebra, de propósito, a sequência. Veja: - (menina - bosque - lobo - avó - *helicóptero*); - (cinderela - madrasta - príncipe - sapatinho de cristal - *chulé*); - (Bela Adormecida - príncipe encantado - *conjunto de rock* - bruxa boa) etc. Em b) é solicitado ao aluno que comece seu conto fazendo o herói ser vítima de uma armadilha planejada pelo vilão, ou ao contrário. Se quiser, dê ao herói (ou ao vilão) poderes mágicos. Procure criar um final inesperado, se possível, engraçado. As instruções ofertadas ao aluno para a realização de seu texto demonstram a preocupação em apresentar passo a passo ideias para o aluno abordar na produção da narrativa conto. Em c) por se tratar de conto, o aluno deverá iniciar seu

texto com *Era uma vez* ou outra forma que conduza um tempo passado impreciso. E também quando sugere que *o narrador deve ser do tipo observador, e lembre-se de dizer como são o herói, o vilão e o lugar em que ocorre os fatos. Empregue a variedade padrão da língua. Dê um título sugestivo a seu conto.*

O emprego dos verbos apresentados no roteiro do exercício, mais especificamente no início de cada alternativa apresentada para conduzir a escrita do aluno, reforça o que denominamos mecanismo de controle no que pode ser observado na atividade acima, nas alternativas: a) *Veja* a sequência das palavras sugeridas; b) *Escolha* uma lista; *comece* seu conto; c) *planeje* como vai escrever, *empregue* a variedade padrão, *dê* um título sugestivo; d) *faça* um rascunho, *avalie* seu conto, *refaça* o texto; e) *leia* ou *conte* seu conto.

No episódio de escrita do LDP B, é possível, verificar o controle direcionado ao professor, quando aparece embaixo da última alternativa, em letras pequenas e azuis, a instrução: *Professor: Sugerimos organizar a atividade fora da sala de aula, na biblioteca, no pátio da escola, ou no jardim ou praça. Coloque os alunos em círculo, sentados no chão por exemplo, e o “contador” ou “leitor” à frente do grupo, formando uma espécie de “roda do conto”. Se possível, amplie a atividade convidando outras classes para a escuta.*

Enfim, o que se nota é que a todo o momento, o mecanismo de controle permanece, seja para orientar o fazer do aluno, ou a prática do professor.

Conclusão

Podemos afirmar que o LDP A e B apresentam uma proposta que prioriza o aspecto formal do texto quando os exercícios de escrita apresentam roteiro/esquemas de texto ou imitação de um texto-fonte. Assim sendo, os exercícios de escrita dos LDP analisados desconsideram a atitude responsiva ativa quando os autores dos manuais didáticos propõem ao aluno exercícios de escrita apresentados a partir de “roteiro de instrução”. Acreditamos que isso não é suficiente para formar alunos proficientes e competentes quanto à produção de textos que poderão ser chamados de “meu” pelo aluno.

Partimos da premissa de que a escrita de um texto deva ultrapassar a prescrição dos roteiros. Escrever é uma prática complexa para o ser humano, por isso a escrita é trabalho (RIOLFI, 2003) e deve ser uma prática constante em nossa vida. O elemento

que nos trará familiaridade com a escrita é a intensidade do convívio com que estabelecemos com ela e a frequência com a qual escrevemos, o que se distancia dos roteiros propostos pelos LDP em relação ao ato “real” de escrever.

Escrever implica em um trabalho específico que se realiza com a linguagem (RIOLFI, 2003). Assim sendo, o *trabalho de escrita* vai além de mera tarefa escolar, como a solicitada pelos LDP em análise, por meio de modelo canônico de textos, mas pode permitir àquele que escreve assumir sua autoria e se responsabilizar por seu escrito. Ainda para a autora, o ato de escrever envolve um trabalho de mão dupla, no qual: 1) “é o sujeito quem trabalha efetuando deliberadamente diversas operações discursivas para a construção de uma ficcionalização; 2) é a escrita que uma vez depositada grosseiramente no suporte, trabalha o sujeito, fazendo com que ele mude de posição com relação ao próprio texto”. (RIOLFI, 2003, p. 47). Por isso, o ato de escrever e reescrever são movimentos que os alunos precisam aprender.

Esse movimento de escrita ultrapassa “roteiros de instruções” de textos, dados como algo pronto, acabado. Aprender a escrever com base em “modelos” de textos não contribui para o aluno registrar sua marca. Por meio das análises, foi possível demonstrar como o controle da escrita ocorre a partir do ensino de um roteiro estático de texto, de modo a levar o aluno a reproduzir o texto-fonte, privando-o de se colocar na posição de responsável por aquilo que escreve.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, LOUIS. (1970) *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEC, 2001.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 5ª série. 2ª. ed. – São Paulo: Atual, 2002.
- DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lúcia. *Língua Portuguesa: Leitura do Mundo*. 7ª série. Livro do professor. Editora do Brasil. 1999. (P. 57).
- GERALDI, João. Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RIOLFI, Cláudia. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. *Leitura & Prática*. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Campinas. Campinas, ALB, 2003, p. 40-51.